

## “A INSERÇÃO DA MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO”

**Sarah Carolina do Amaral Souza<sup>1</sup> (sarahcarol\_as@hotmail.com), Priscila Neves Frate<sup>2</sup> (priscila\_frate@hotmail.com), Laudicéa Helena dos Santos Sperandio<sup>3</sup> (laudhelen@yahoo.com.br) e Bruna Guedes de Lima<sup>4</sup> (bruninha.g.lima@hotmail.com)- Prof. Me. Luiz Carlos Andrade de Aquino<sup>5</sup> (aquino@univap.br) e Prof. Dr. Maurício Martins Alves<sup>6</sup> (mmalves@univap.br).**

Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP/Faculdade de Direito. Praça Cândido Dias Castejón, 116 SJC.

**Resumo:** O referido artigo evidencia as dificuldades encontradas pela mulher negra, na região Metropolitana de São Paulo, quanto a sua inserção no mercado de trabalho. O principal objetivo é expor fatores que as levaram a ter dificuldades de inclusão neste meio. Como resultado, foi constatado que a mulher negra encontra-se em uma posição desvantajosa em relação à mulher branca. Porém, em relação à formação profissional, as mulheres apresentadas neste artigo como objeto de pesquisa, estão em uma posição de vantagem em relação aos homens, mas isso não significa que as mesmas sejam mais valorizadas profissionalmente que os homens (sejam eles brancos ou negros). O quadro mostra que a maioria das mulheres negras está inserida profissionalmente em subempregos e como autônomas, revelando uma falsa aparência de inserção no mercado profissional.

**Palavras-Chave:** Mulher Negra; Mercado de Trabalho; Discriminação; Inserção

**Área de Conhecimento:** Direito

### Introdução

A condição de vida da mulher negra na atualidade é um reflexo pós-escravista do Brasil. Este fato trouxe diversas consequências a essas mulheres, em muitos aspectos deste universo.

Este artigo de iniciação científica tem como objetivo mostrar a dificuldade por elas enfrentada, em uma sociedade sexista, elitista e racista. Nesse sentido, ao mostrar a inserção da mulher negra no mercado de trabalho, principalmente em subempregos e como autônomas, indica influências de aspectos como a educação, saúde, moradia, pobreza e inserção digital da realidade acerca da inserção da mulher negra no mercado de trabalho – o que reforça o subemprego e a continuidade de uma realidade racista e sexista.

### Metodologia

Esta pesquisa tem o caráter exploratório e descritivo. Para mostrar os mecanismos de inserção da mulher negra no mercado de trabalho, será feito um cruzamento de informações de Banco de dados do SEADE – Fundação de Sistema Estadual de Análise de Dados, a Empresa Brasileira de Comunicação – EBC, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea e o uso de levantamento bibliográfico.

### Resultados

O problema de discriminação na sociedade em relação à mulher negra que busca uma inserção para o mercado de trabalho pode ser observado a partir de boletins, publicados pela Fundação de Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE [1] [2]. Devido ao meio em que a mulher negra está inserida e suas consequências acarretadas, como por exemplo, a exclusão digital e o acesso à saúde, concomitantes com sua concorrência para entrar neste mercado.

De acordo com os dados de pesquisa da Fundação de Sistema Estadual de Análise de

Dados – SEADE, a análise de como a dinâmica do mercado de trabalho contribui para que estas diferenças se transformem em desigualdades é, portanto, o estudo da população negra, em que constitui quase a metade da população brasileira (45,3%), sendo sua menor concentração nas áreas metropolitanas (26,9%). [1]

Segundo a entrevista vinculada no portal EBC com a advogada Luana Natieli, [4], a mulher negra continua em desvantagem em relação à mulher branca, com menos poder aquisitivo oriundo de nossa herança histórica escravista que resultou em piores condições de vida e educação, e que se encontra em serviços degradantes sem garantias trabalhistas, sem perspectiva de crescimento profissional, o que resulta na impossibilidade de ascender à cargos de chefia, confirmando o proposto neste artigo, de que o racismo não é só social mas também institucional.

## Discussão

Conforme dados da pesquisa “Retrato das Desigualdades” realizado pelo Ipea [3], extraído do portal, pode-se afirmar que, com vista nos dados mencionados, há violação dos direitos humanos em relação à mulher negra no Brasil. Comparando os dados do SEADE na região metropolitana de São Paulo, nos anos de 2000 à 2010 [2], ocorreu uma mudança significativa referente ao aumento das mulheres com nível superior em relação aos homens. Isto fez com que elas se inserissem cada vez mais no mercado de trabalho e a cada ano estes dados tem aumentado de uma forma bem significativa.

A partir deste estudo, observa-se também que a mulher negra encontra-se em vantagem em relação ao homem, no quesito escolaridade, mas nem sempre o fato destas mulheres estarem em nível mais elevado faz com que consigam a inserção no mercado de trabalho, pois é alvo de discriminação tanto por gênero quanto pela cor. Porém, essa comparação equivale só aos homens, pois ao analisar com as mulheres brancas, é perceptível a sua inferioridade, dando

margens para uma discriminação maior e como consequência, afeta muitas áreas, principalmente o mercado de trabalho.

Contudo, segundo outra matéria editada pelo site da Empresa Brasil de Comunicação – EBC, “o empreendedorismo ajuda a mulher negra a conquistar respeito social e no mercado de trabalho” [1]. Observa-se nessa frase que essas mulheres buscam meios alternativos para seu sustento, e, segundo o portal EBC, também, 50% dessas mulheres são chefes de família. Esses meios são trabalhos secundários, como venda de doces, salgados e artesanato, etc.

A pesquisa citou dados do Anuário das Mulheres Brasileiras 2011[5], publicado pelo departamento intersindical de estatística e estudos socioeconômicos – DIEESE em parceria com a secretaria de políticas para as mulheres, em que apontam a quantidade de chefes de família dita anteriormente, são também as únicas responsáveis pela sobrevivência do núcleo familiar.

Reiterando ainda, pelos dados de pesquisa do SEADE, as chefes de família negras participam em 67,1% a mais do que as chefes brancas com 58,4%. [1]

Pode-se dizer que a inserção das filhas, dessas chefes, negras é menor do que as jovens brancas, pelo fato do grau de escolaridade, sendo que os cargos disponíveis para estas jovens requer experiência e bom estudo, como por exemplo no cargo de secretarias, recepcionistas ou balconistas, e neste campo elas se encontram em desvantagem em relação às jovens brancas, restando assim os subempregos e dando maior ênfase ao trabalho de doméstica.

A inserção das mulheres negras, como assalariadas no setor privado, é bem menor que as brancas, e a maior evidência encontra-se em serviços domésticos, em que os dados são temíveis, conforme ressalta no texto, “30,8% das mulheres negras ocupadas são domésticas ao passo que, entre as não negras esta parcela corresponde a 14%”. [1]

Segundo dados de pesquisa do SEADE, em 2000[2], “a taxa de desemprego registrada para as mulheres negras alcançou 25,1%, ou seja, de cada 100 trabalhadoras negras, um quarto estava sem emprego região metropolitana de São Paulo, enquanto as não negras, nessa situação correspondiam a 18,9%”.

### **Conclusão**

Pode-se concluir, então, que a mulher negra possui uma maior inserção em subempregos e como autônomas em relação às mulheres brancas; motivados pela carência de recursos como saúde, educação, área em que estão alocadas e exclusão digital, ou seja, estes fatores contribuem para dificultar a inserção das mesmas nos tipos de trabalho socialmente aceitos. Com isso, destaca-se, primeiramente, a discriminação por gênero, em seguida pela cor e finalmente pelo grau de instrução, confirmando a tese inicial de uma sociedade racista e sexista.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

[1] Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade, Seção Trabalho/Mulher e Trabalho, Inserção das Mulheres Com Escolaridade Superior no Mercado de Trabalho, São Paulo, n. 22, março de 2011, disponível em: [http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/boletins/resumo\\_boletim\\_MuTrab22.pdf](http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/boletins/resumo_boletim_MuTrab22.pdf), acesso em 31 de maio de 2013.

[2] Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade, Seção Trabalho/Mulher e Trabalho, Inserção das Mulheres Negras no Mercado de Trabalho da Região Metropolitana de São Paulo, São Paulo, n. 04, disponível em: [http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/boletins/boletim\\_04/boletim\\_MuTrab4.pdf](http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/boletins/boletim_04/boletim_MuTrab4.pdf), acesso em 30 de maio de 2013.

[3] Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça - 4ª edição Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça - 4ª edição Ipea, ONU, SPM e SEPP/IR/ Brasília, 2011 disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal>, acesso em 30 de maio de 2013.

[4] Mamcasz, Eduardo. Mulher Negra continua em desvantagem, Radio agência nacional, 08 de março de 2013, portal EBC, disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/galeria/audio/2013/03/mulher-negra-continua-em-desvantagem>, acesso em 09 de junho de 2013.

[5] Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE, Seção T35, Proporção de mulheres chefes de famílias e cônjuges, por setor de atividade, pág. 79, 2011, disponível em: [http://www.campanhapontofinal.com.br/download/new\\_12.pdf](http://www.campanhapontofinal.com.br/download/new_12.pdf), acesso em 22 de maio 2013.